

OS BRIDGERTONS — 2

Julia Quinn

O VISCONDE QUE ME AMAVA





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

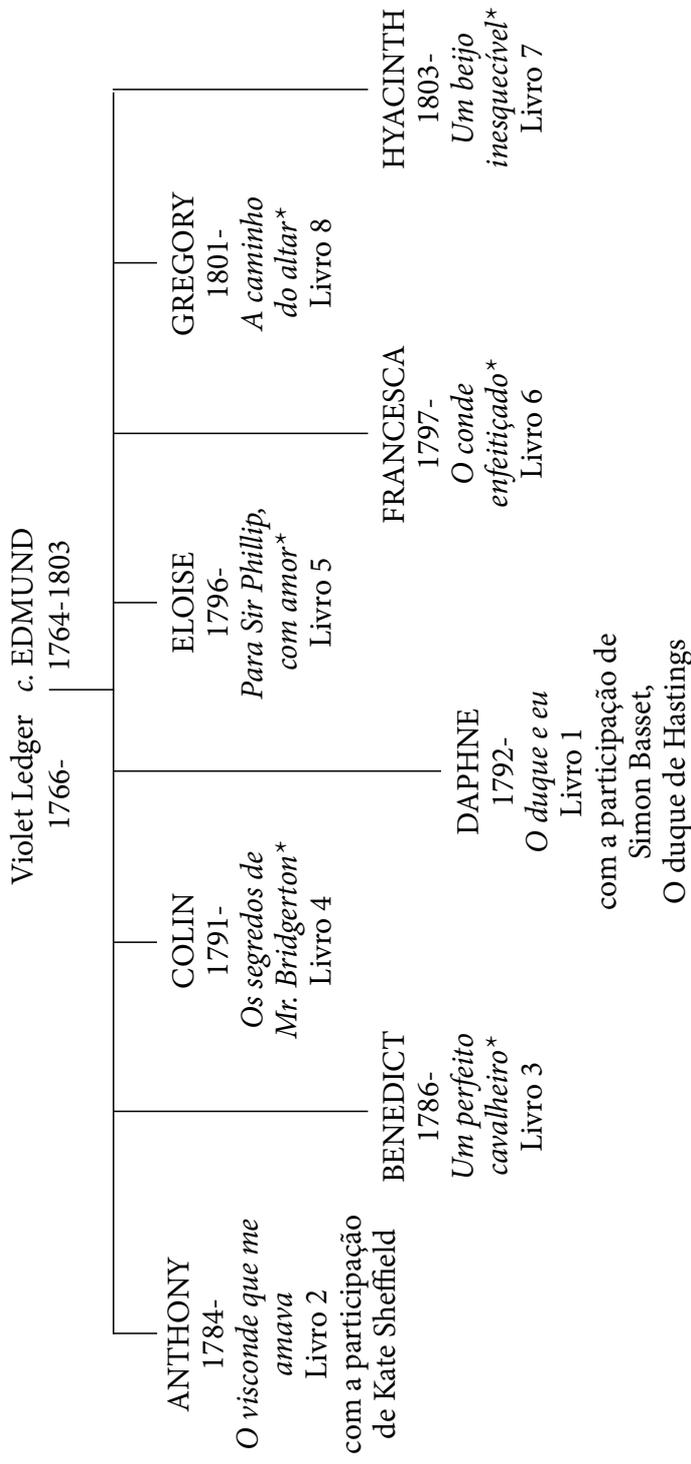
Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Little Goose Twist,
que me fez companhia
enquanto eu escrevia este livro.

Mal posso esperar para vê-lo!

E para Paul,
mesmo sendo alérgico a musicais.

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BRIDGERTON



* Títulos provisórios

PRÓLOGO

Anthony Bridgerton sempre soube que morreria jovem.

Não, não na infância. O pequeno Anthony nunca teve motivos para refletir sobre a própria mortalidade. Seus primeiros anos de vida, desde o nascimento, foram o sonho de qualquer menino.

Ele era herdeiro de um antigo e abastado viscondado. Ao contrário de outros casais aristocratas, porém, os Bridgertons eram muito apaixonados um pelo outro e consideravam o nascimento de seu primeiro bebê a chegada de um filho, não só a de um herdeiro.

Portanto, não houve festas nem festivais; nenhuma comemoração além do olhar orgulhoso que os pais lançaram à criança.

Edmund e Violet foram pais jovens. Ele acabara de completar 20 anos e a esposa tinha apenas 18, mas eram sensatos e fortes, e amavam o filho com uma intensidade e uma devoção raramente vistas em seu círculo social. Para horror de sua mãe, Violet insistira em amamentar o bebê, e Edmund nunca concordara com a visão geral de que os pais não deviam conviver nem conversar com os filhos. Ele levava o menino em longas caminhadas pelos campos de Kent, falava-lhe sobre filosofia e poesia antes mesmo que ele compreendesse as palavras e lhe contava, todas as noites, uma história para embalar seu sono.

Como o visconde e a viscondessa eram muito jovens e apaixonados, ninguém se surpreendeu quando, apenas dois anos depois do nascimento de Anthony, um irmãozinho mais novo, batizado com o nome de Benedict, juntou-se a ele. Edmund logo adaptou a rotina diária para levar os dois filhos em suas caminhadas e passou uma semana metido nos estábulos trabalhando com o coqueiro para criar uma mochila especial que mantivesse Anthony preso às suas costas enquanto o bebê, Benedict, ia em seus braços.

Os três percorriam os campos e cruzavam riachos, com o pai discorrendo sobre coisas maravilhosas – flores perfeitas, céus azuis e límpidos, cavaleiros em armaduras reluzentes e donzelas em perigo. Violet costumava achar graça ao vê-los retornar com os cabelos revoltos pelo vento e queimados de sol, e ao ouvir Edmund dizer: “Viu? Aqui está nossa donzela em perigo. Nós temos que salvá-la!” Anthony se lançava nos braços da mãe, rindo ao jurar protegê-la do dragão que cuspia fogo e que eles tinham visto a apenas *três quilômetros na estrada* que levava à aldeia.

– Três quilômetros? – sussurrava Violet, com a voz mais horrorizada que

era capaz de produzir. – Meu Deus, o que seria de mim sem três homens fortes para me proteger?

– Benedict é um bebê – observava Anthony.

– Mas ele vai crescer – costumava responder a mãe, desgrenhando os cabelos do menino –, assim como você. Ainda vai crescer muito.

Edmund sempre tratara os filhos com o mesmo afeto e devoção, porém, tarde da noite, quando Anthony aninhava o relógio de bolso dos Bridgertons no peito (que Edmund, que o recebera do *próprio* pai em seu 8º aniversário, lhe dera quando completara 8 anos), gostava de pensar que sua relação com ele era especial. Não que Edmund o amasse mais – na época os irmãos Bridgertons já eram quatro (Colin e Daphne nasceram bem próximos um do outro), e Anthony sabia muito bem que todos eram muito amados.

Não. Anthony gostava de pensar que sua relação com o pai era especial simplesmente porque ele o conhecia havia mais tempo. Afinal, por mais que Benedict conhecesse o pai, Anthony sempre teria dois anos a mais que ele. E seis a mais que Colin. Quanto a Daphne, bem, além de ser uma menina (que horror!), ela conhecia o pai oito anos inteirinhos a menos que ele e, como Anthony gostava de lembrar, seria sempre assim.

Edmund Bridgerton era simplesmente o centro do universo do filho mais velho. Era alto, tinha ombros largos e sabia montar um cavalo com a desenvoltura de quem já nascera fazendo isso. Sempre sabia as respostas das perguntas de aritmética (mesmo quando nem o tutor era capaz de chegar ao resultado), não via razão para os filhos não terem uma casa na árvore (e construiu uma) e sua gargalhada era a mais calorosa que existia.

Ele ensinou Anthony a cavalgar. A atirar. A nadar. Levou-o pessoalmente ao colégio Eton, em vez de enviá-lo em uma carruagem com criados, como a maior parte dos pais fazia. E, ao ver o rapaz lançar um olhar nervoso à escola que se tornaria seu novo lar, teve uma conversa em particular com ele e lhe prometeu que tudo ficaria bem.

E ficou. Anthony nunca duvidou disso, afinal, seu pai nunca mentira para ele.

O garoto amava a mãe. Faria qualquer coisa para mantê-la em segurança e feliz. Mas, ao crescer, tudo o que fazia – cada realização, cada objetivo, cada sonho e esperança – era dedicado ao pai.

E então, um dia, isso mudou. Era engraçado, refletiu mais tarde, como a vida de alguém podia mudar num único instante, como tudo podia ser de um jeito num minuto e, no seguinte, simplesmente se transformar em algo... diferente.

Aconteceu quando Anthony tinha 18 anos e fora passar as férias de verão em casa. Estava se preparando para o primeiro ano em Oxford. Frequentaria a

mesma faculdade do pai e sua vida era tão maravilhosa quanto a de qualquer rapaz aos 18 anos. Havia descoberto as mulheres e – talvez melhor ainda – sido descoberto por elas. Os pais ainda se reproduziam animadamente, somando Eloise, Francesca e Gregory à família, e Anthony fazia o possível para não revirar os olhos ao passar pela mãe no corredor, grávida do *oitavo* bebê! Era um pouco inconveniente, na opinião dele, dar à luz naquela idade, mas o rapaz guardava as opiniões para si.

Quem era ele para duvidar da sabedoria de Edmund? Talvez também ainda quisesse mais filhos na avançada idade de 38 anos.

Foi em um fim de tarde que Anthony soube. Estava retornando de uma longa e agitada cavalgada com Benedict e havia acabado de passar pela porta da frente de Aubrey Hall, o lar ancestral dos Bridgertons, quando viu a irmã de 10 anos sentada no chão. Benedict ainda estava nos estábulos por causa de uma aposta ridícula que exigia que o perdedor escovasse os dois cavalos.

Anthony parou abruptamente ao ver Daphne. Se era estranho vê-la sentada no chão do salão principal, era mais esquisito ainda flagrá-la chorando.

Ela nunca chorava.

– Daff – chamou ele, hesitante, ainda jovem demais para saber o que fazer ao ver uma mulher em prantos e imaginando se algum dia saberia –, o que foi...

No entanto, antes que pudesse terminar a pergunta, a menina ergueu a cabeça e a profunda tristeza naqueles grandes olhos castanhos atravessou-o como uma faca. Ele recuou alguns passos, sabendo que algo estava muito errado.

– É o papai – murmurou a menina. – Ele morreu.

Por um momento, Anthony teve certeza de que ouvira mal. O pai não podia estar morto. Outras pessoas morriam jovens, como o tio Hugo, mas ele era pequeno e frágil. Bem, ao menos menor e mais frágil que Edmund.

– Você está enganada – disse a Daphne. – *Tem* que estar enganada.

Ela balançou a cabeça.

– Foi Eloise que me disse. Ele estava... ela estava...

Anthony sabia que não devia sacudir a irmã enquanto ela soluçava, mas não pôde evitar.

– Ela *quem*, Daphne?

– Uma abelha – sussurrou a menina. – Ele foi picado por uma abelha.

Por um momento Anthony não pôde fazer nada além de fitá-la. Finalmente, com a voz rouca e irreconhecível, falou:

– Um homem não morre por causa de uma picada de abelha, Daphne.

Ela não respondeu, ficou apenas sentada no chão enquanto se sacudia convulsivamente, tentando conter as lágrimas.

– Ele já foi picado uma vez – acrescentou Anthony, e sua voz soou mais alta. – Eu estava com ele. Nós dois fomos picados. Passamos por uma colmeia e uma abelha me picou no ombro. – Sem se dar conta, ergueu a mão e tocou o local atingido tantos anos antes. Acrescentou num murmúrio: – E outra o pegou no braço.

Daphne o encarou com uma expressão assustada.

– Ele ficou bem – insistiu Anthony. Podia ouvir o pânico na própria voz e sabia que estava deixando a irmã apavorada, mas não conseguia se controlar. – Um homem não pode morrer por causa de uma picada de abelha!

Ela balançou a cabeça, com os olhos escuros aparentando de repente um grande cansaço.

– Foi uma abelha – afirmou novamente. – Eloise viu. Num minuto ele estava de pé ali e no outro estava... estava...

Anthony sentiu algo muito estranho crescendo dentro dele, como se estivesse prestes a explodir.

– E no outro ele estava o *quê*, Daphne?

– Morto.

O rapaz deixou a irmã sentada no salão e subiu os degraus de três em três até o quarto dos pais. Não era possível que Edmund estivesse morto. Um homem não podia morrer por uma picada de abelha. Era impossível. Uma loucura. Edmund Bridgerton era jovem e forte. Alto, com ombros largos e músculos poderosos. Por Deus, nenhuma abelhinha insignificante poderia tê-lo derrubado.

Mas quando ele alcançou o salão do andar de cima, percebeu, pelo silêncio absoluto das dezenas de criados que aguardavam ali, que a situação era grave.

E seus rostos de compaixão... Pelo resto de sua vida, Anthony seria atormentado por aquela imagem.

Ele achou que precisaria abrir caminho até o quarto dos pais, mas os criados lhe deram passagem imediatamente e, quando Anthony empurrou a porta com violência, já sabia.

A mãe estava sentada na beirada da cama, sem chorar nem emitir som algum, apenas segurando a mão do marido enquanto se balançava lentamente para a frente e para trás.

Edmund estava imóvel. Imóvel como um...

Anthony não queria nem mesmo pensar na palavra.

– Mãezinha – disse ele com dificuldade.

Ele não a chamava assim havia anos. Desde que saíra de Eton, ela se tornara “mãe”.

Violet se virou devagar, como se tivesse ouvido a voz dele muito longe.

– O que aconteceu? – murmurou Anthony.

Ela balançou a cabeça e desviou os olhos, impotente.

– Não sei – respondeu.

Seus lábios permaneceram entreabertos, como se ela quisesse dizer mais alguma coisa e tivesse esquecido o quê.

Anthony adiantou-se com movimentos desajeitados e grosseiros.

– Ele se foi – disse Violet enfim, com a voz bem baixa. – Ele se foi e eu... ah, meu Deus, eu... – Pôs uma das mãos na barriga redonda. – Eu disse a ele... Ah, Anthony, eu disse a ele...

Ela parecia prestes a desmoronar. Anthony engoliu as lágrimas que queimavam seus olhos e faziam sua garganta arder e se colocou ao lado dela.

– Está tudo bem, mãezinha – falou.

No entanto, ele sabia que não era verdade.

– Eu disse a ele que este seria nosso último bebê – continuou ela, ofegante, soluçando no ombro do filho. – Falei que não poderia ter outro, que teríamos de tomar cuidado e... Ah, Deus, Anthony, eu faria qualquer coisa para tê-lo aqui e lhe dar outro filho. Não entendo. Simplesmente não entendo...

Anthony segurou sua mão enquanto ela chorava. Não disse nada. Parecia inútil tentar dar voz à dor em seu coração.

Ele também não entendia.



Os médicos vieram mais tarde, à noite, e se mostraram igualmente desconcertados. Já tinham ouvido falar sobre mortes assim, mas nunca em alguém tão jovem e forte. Edmund era tão enérgico, tão vigoroso... Ninguém jamais poderia imaginar. Era verdade que o irmão mais novo do visconde, Hugo, morrera de forma inesperada no ano anterior, mas não se podia dizer que esse tipo de coisa era necessariamente um problema familiar. Além disso, embora Hugo tivesse morrido sozinho, ao ar livre, ninguém notara nenhuma picada de abelha em sua pele.

De qualquer forma, não procuraram por uma.

Ninguém poderia ter previsto aquilo, continuavam a repetir os médicos, até que Anthony sentiu vontade de estrangular todos eles. Finalmente, pediu que fossem embora e pôs a mãe na cama. Instalou-a em um quarto desocupado, porque Violet ficara muito agitada ao pensar em ficar na cama que dividira durante tantos anos com o marido. Anthony também conseguiu pôr

os seis irmãos para dormir, dizendo-lhes que eles conversariam pela manhã, que tudo ficaria bem e que ele tomaria conta de todos, tal como o pai teria desejado.

Então, foi até o aposento em que o corpo de Edmund se encontrava e olhou para ele demoradamente. Fitou-o durante horas, quase sem piscar.

E, ao deixar o pai, saiu com uma nova visão da vida e uma nova consciência sobre a própria mortalidade.

Edmund Bridgerton faleceu aos 38 anos. E Anthony simplesmente não podia imaginar-se superando o pai de forma alguma, nem mesmo em idade.

CAPÍTULO 1

É claro que a questão dos libertinos já foi assunto discutido antes nesta coluna, e a autora chegou à conclusão de que há libertinos e Libertinos.

Anthony Bridgerton é um Libertino.

Um libertino com l minúsculo é jovem e imaturo. Ele se gaba das próprias proezas, comporta-se feito um idiota e se considera um perigo para as mulheres.

Um Libertino com l maiúsculo sabe que é um perigo para as mulheres.

Não se gaba das próprias proezas, pois não precisa. Sabe que homens e mulheres cochicharão a seu respeito e, na verdade, preferiria que não fizessem isso. Ele sabe quem é e o que fez. Relatos detalhados são, em sua opinião, redundantes.

Não se comporta como um idiota pela simples razão de não ser um (não mais do que se espera entre os membros do sexo masculino). Tem pouca paciência para as fraquezas da sociedade e, para ser sincera, na maior parte das vezes esta autora não pode culpá-lo.

E, se isso não descreve à perfeição o visconde Bridgerton, sem dúvida o solteiro mais cobiçado da temporada, esta autora aposentará a pena imediatamente. A única pergunta é: será o ano de 1814 aquele no qual ele enfim sucumbirá à encantadora felicidade do matrimônio?

Esta autora acredita que...

Não.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
20 DE ABRIL DE 1814

— Não me diga – falou Kate Sheffield, dirigindo-se a todo o aposento – que ela está escrevendo mais uma vez sobre o visconde Bridgerton.

Edwina, sua meia-irmã, quatro anos mais jovem, ergueu os olhos por trás do jornal.

– Como você sabe?

– Você está rindo feito uma louca.

Edwina gargalhou, balançando o sofá de damasco azul em que ambas se sentavam.

– Viu? – falou Kate, cutucando-a no braço. – Você sempre ri quando ela escreve sobre algum solteirão censurável.

Kate, porém, estava sorrindo. Não havia nada de que gostasse mais do que provocar a irmã. Com delicadeza, é claro.

Mary Sheffield, mãe de Edwina e madrasta de Kate havia quase dezoito anos, ergueu os olhos do bordado e ajustou os óculos.

– De que as duas estão rindo?

– Kate ficou agitada porque Lady Whistledown escreveu sobre aquele visconde libertino de novo – explicou Edwina.

– Não fiquei agitada – respondeu Kate, embora ninguém estivesse prestando atenção.

– Bridgerton? – perguntou Mary, distraída.

Edwina assentiu.

– Sim.

– Ela sempre escreve sobre ele.

– Acho que ela apenas gosta de escrever sobre libertinos – comentou Edwina.

– É claro – retrucou Kate. – Se escrevesse sobre pessoas chatas, ninguém iria comprar o jornal.

– Isso não é verdade – replicou Edwina. – Na semana passada, ela escreveu sobre nós, e Deus sabe que não somos as pessoas mais interessantes de Londres.

Kate sorriu da ingenuidade da irmã. Kate e Mary podiam não ser as pessoas mais interessantes de Londres, mas Edwina, com os cabelos louros e os olhos de um azul-claro impactante, já estava sendo chamada de a Incomparável de 1814. Kate, por outro lado, com cabelos e olhos castanhos e comuns, era conhecida como “a irmã mais velha da Incomparável”.

Kate imaginava que podia haver apelidos piores. Pelo menos, ninguém ainda se referira a ela como “a irmã solteirona da Incomparável”, o que estava mais próximo da verdade do que qualquer membro da família Sheffield gostava-

ria de admitir. Aos 20 anos (quase 21, na verdade), Kate estava um pouquinho velha demais para aproveitar sua primeira temporada em Londres.

Mas não havia opção. Os Sheffields não tinham sido ricos nem quando o pai de Kate era vivo e, desde que ele falecera, cinco anos antes, a família fora forçada a economizar com mais afincos ainda. Sem dúvida, não havia motivo para irem para um abrigo, mas deviam se preocupar com cada *penny* e contar cada libra.

Com as dificuldades financeiras, os Sheffields só podiam arcar com uma ida a Londres. Alugar uma casa – e uma carruagem – e contratar o número mínimo de criados para a temporada era dispendioso. Não poderiam gastar tamanha quantia duas vezes. Na verdade, foi preciso economizar durante cinco anos inteiros para pagar a viagem. E se as garotas não conseguissem bons casamentos... bem, ninguém iria mandá-las para a prisão, mas elas seriam obrigadas a levar uma vidinha tranquila, de pobreza digna, em alguma encantadora casinha em Somerset.

Portanto, as duas jovens se viram forçadas a debutar na sociedade no mesmo ano. Ficara decidido que a época mais sensata seria assim que Edwina completasse 17 anos e Katie estivesse para fazer 21. Mary preferiria ter esperado até que a mais nova chegasse aos 18 anos e estivesse um pouco mais madura, mas aí a mais velha teria quase 22 e, céus, quem iria querer se casar com ela?

Kate deu um sorriso sem graça. Ela nem mesmo queria participar da temporada. Sempre soubera que não era o tipo que chamava a atenção da alta sociedade. Não era bonita o suficiente para superar a ausência de dote e nunca aprendera a dar sorrisos falsos, fingir delicadeza ou andar com passos suaves, e as outras garotas pareciam saber todas essas coisas desde o berço. Mesmo Edwina, que não tinha um único centímetro fora do lugar em todo o corpo, de alguma maneira sabia como se posicionar, caminhar e suspirar de modo que os homens trocassem socos apenas para ter a honra de ajudá-la a atravessar a rua.

Kate, por outro lado, sempre parava bastante ereta, mas não conseguia sentar-se imóvel nem que sua vida dependesse disso e andava como se estivesse participando de uma corrida. *E por que não?*, era o que sempre se perguntava. Se estamos indo a algum lugar, qual seria o propósito de não chegar lá rápido?

Quanto à sua estadia em Londres, ela nem gostava tanto assim da cidade. Ah, ela estava se divertindo bastante e conhecera algumas pessoas agradáveis, mas uma temporada inteira ali parecia um grande desperdício de dinheiro para uma garota que teria ficado satisfeita em permanecer no campo e encontrar um homem responsável com quem se casar.

Mary, porém, jamais aceitaria isso.

– Quando me casei com seu pai – dissera –, prometi amá-la e educá-la com todo o cuidado e toda a afeição que dedicaria a um filho do meu próprio sangue.

Kate começou a responder com um simples “Mas...”, porém Mary continuara:

– Eu tenho responsabilidade para com sua pobre mãe, que sua alma descanse em paz, e parte dessa responsabilidade é ver você casada, feliz e com uma vida tranquila.

– Eu poderia ser feliz e viver com tranquilidade no campo – respondera Kate.

– Existem mais homens solteiros em Londres – retrucara Mary.

Depois que Edwina se juntara à conversa, insistindo que ficaria muito infeliz sem ela – e como Kate não podia suportar a ideia de ver a irmã triste –, seu destino fora selado.

E ali estava, sentada em uma sala de estar meio velha, em uma casa alugada num bairro quase proeminente de Londres, e...

Estava prestes a arrancar o jornal das mãos da irmã.

– Kate! – gritou Edwina, desviando os olhos do minúsculo triângulo de papel que restara entre o polegar e o indicador direito. – Eu ainda não tinha terminado!

– Você estava lendo há séculos – disse Kate com um sorriso arrogante. – Além disso, quero ver o que ela tem a dizer sobre o visconde Bridgerton hoje.

Os olhos de Edwina, que costumavam ser comparados a tranquilos lagos escoceses, brilharam diabolicamente.

– Você está *muito* interessada no visconde, Kate. Há alguma coisa que não tenha nos contado?

– Não seja ridícula. Eu nem conheço esse homem. E, se conhecesse, talvez corresse na direção oposta. Ele é o tipo de homem que nós duas deveríamos evitar a qualquer custo. Deve ser capaz de seduzir até um iceberg.

– Kate! – exclamou Mary.

Ela fez uma careta. Esquecera que a madrastra estava ali.

– Bem, é verdade – acrescentou. – Ouvei dizer que ele teve mais amantes que os anos que eu tenho de vida.

Mary fitou-a por alguns segundos, como se estivesse tentando decidir se deveria responder ou não. Então disse:

– Não que esse seja um assunto apropriado a seus ouvidos, mas muitos homens tiveram amantes.

– Ah. – Kate enrubescou. Não tinha graça nenhuma que a contradissem justamente quando ela estava tentando falar algo importante. – Bem, então,

ele já teve o dobro disso. A questão é que ele é muito mais promíscuo que a maioria dos homens e está longe de ser o tipo que Edwina deveria permitir que lhe fizesse a corte.

– Você também está disponível nesta temporada – recordou-lhe Mary.

Kate lançou um olhar irônico a Mary. Todos sabiam que, se o visconde decidisse cortejar uma Sheffield, não seria ela.

– Não acredito que haja algo no artigo que vá mudar sua opinião – falou Edwina, dando de ombros ao mesmo tempo que se inclinava na direção de Kate para ter uma visão melhor do jornal. – Ela não diz muita coisa a respeito *dele*, na verdade. É mais um tratado sobre os libertinos.

Kate passou os olhos pelo texto.

– Humpf – resmungou, usando sua melhor expressão de desprezo. – Aposto que ela tem razão. É muito provável que ele não cumpra seu papel este ano.

– Você sempre acha que Lady Whistledown está certa – murmurou Mary com um sorriso.

– Em geral, ela está – respondeu Kate. – A senhora precisa admitir que, para uma colunista de fofocas, ela demonstra um impressionante bom senso. Com certeza acertou em sua avaliação de todas as pessoas que conheci até agora em Londres.

– Você devia fazer seus próprios julgamentos, Kate – retrucou Mary com indiferença. – É uma vergonha basear suas opiniões em uma coluna de fofocas.

Kate sabia que a madrastra estava certa, mas não queria admitir, portanto, simplesmente emitiu outro “Humpf” e voltou a atenção para o jornal em suas mãos.

Sem dúvida, o *Whistledown* era a leitura mais interessante de toda Londres. Kate não sabia com exatidão quando se iniciara a coluna de fofocas – ouvira dizer que no ano anterior –, mas tinha certeza de uma coisa. Quem quer que Lady Whistledown fosse (e ninguém conhecia de fato sua identidade), era uma pessoa muito bem-relacionada na alta sociedade. Tinha que ser. Nenhum intrometido poderia descobrir todas as fofocas que ela escrevia em suas colunas às segundas, quartas e sextas-feiras.

Lady Whistledown sempre tinha conhecimento dos boatos mais recentes e, ao contrário de outros colunistas, não hesitava em divulgar o nome completo das pessoas. Depois de decidir, na semana anterior, por exemplo, que Kate não ficava bem de amarelo, escrevera de forma clara como o dia: “A cor amarela faz a Srta. Kate Sheffield, de cabelos castanhos, parecer um narciso chamuscado.”

Kate não se aborrecera com o insulto. Ela já ouvira, em mais de uma ocasião, que ninguém podia considerar que “tinha chegado” até ser ofendido por Lady Whistledown. Mesmo Edwina, que era um tremendo sucesso na sociedade, ficara enciumada por Kate ter sido escolhida como alvo.

E, embora Kate não tivesse desejado passar a temporada em Londres, imaginava que, se fosse obrigada a participar da agitação social, poderia muito bem não ser um completo fracasso. Se o fato de ser insultada em uma coluna de fofocas seria seu único sinal de sucesso, então, que fosse. Kate seria vitoriosa onde pudesse.

Quando Penelope Featherington se vangloriasse de ser comparada a uma fruta cítrica por causa de seu vestido de cetim laranja, Kate poderia levantar o braço, suspirar dramaticamente e dizer: “Sim, bem, eu sou um narciso amarelo chamuscado.”

– Um dia – anunciou Mary do nada, ajeitando outra vez os óculos no rosto –, alguém vai descobrir a verdadeira identidade dessa mulher, e ela vai estar encrencada.

Edwina olhou para a mãe com interesse.

– A senhora acredita mesmo que alguém vai desvendar sua identidade? Ela consegue manter isso em segredo há mais de um ano.

– Nada tão importante assim pode permanecer secreto para sempre – retrucou Mary. Furou o bordado com a agulha e puxou um longo pedaço de fio amarelo através do tecido. – Escrevam o que digo. Cedo ou tarde, tudo vai ser descoberto e, quando for, um escândalo como vocês nunca viram vai irromper por toda a cidade.

– Bem, se eu soubesse quem ela é – anunciou Kate, virando a página do jornal –, acho que a consideraria minha melhor amiga. Ela é diabolicamente divertida. E não importa o que digam, está quase sempre certa.

Nesse momento, Newton, o cão Corgi um pouquinho acima do peso de Kate, entrou trotando na sala.

– Esse cachorro não deveria ficar lá fora? – indagou Mary.

Em seguida gritou o nome de Kate quando o cão se ajeitou aos seus pés e arfou como se esperasse um beijo.

– Newton, venha aqui agora! – ordenou Kate.

O cão lançou um olhar ansioso para Mary, depois andou gingando até Kate, pulou no sofá e pousou as patas dianteiras em seu colo.

– Ele está enchendo você de pelos – falou Edwina.

Kate deu de ombros ao afagar o pelo grosso, cor de caramelo.

– Eu não ligo.

Edwina suspirou, mas estendeu a mão e, com indiferença, deu um tapinha rápido em Newton.

– O que mais ela diz? – perguntou, inclinando-se para a frente com interesse. – Não consegui chegar à página dois.

Kate sorriu com o sarcasmo da irmã.

– Nada de mais. Algo sobre o duque e a duquesa de Hastings, que segundo ela chegaram à cidade no início da semana, a lista do bufê do baile de Lady Danbury, que declara ser “surpreendentemente delicioso”, e uma infeliz descrição do vestido da Sra. Featherington na última segunda-feira.

Edwina franziu a testa.

– Ela parece implicar um pouco com os Featheringtons.

– Não é de admirar – observou Mary, pondo de lado o bordado e depois se levantando. – Aquela mulher não saberia escolher a cor do vestido das filhas nem se um arco-íris se enrolasse no pescoço dela.

– Mamãe! – exclamou Edwina.

Kate tapou a boca, tentando não rir. Era raro que Mary fizesse pronunciamentos dogmáticos, mas, quando fazia, eram sempre maravilhosos.

– Bem, é verdade. Ela continua vestindo a filha mais nova com aquela cor de tangerina. Qualquer um pode ver que a pobrezinha precisa de um azul ou verde-menta.

– A senhora me fez usar amarelo – recordou Kate.

– E lamento. Isso vai me ensinar a não dar ouvidos à vendedora. Nunca deveria ter duvidado de meu próprio julgamento. Vamos ter que fazer uma bainha naquele vestido para Edwina.

Como ela era bem mais baixa que Kate e tinha uma cor muito mais delicada, isso não seria um problema.

– Quando fizer isso – disse Kate, virando-se para a irmã –, lembre-se de retirar o babado da manga. É bastante incômodo. E dá coceira. Eu quase o arranquei bem no meio do baile dos Ashbournes.

Mary revirou os olhos.

– Estou surpresa e, ao mesmo tempo, agradecida que você tenha decidido se controlar.

– Estou surpresa, mas não agradecida – comentou Edwina com um sorriso malicioso. – Basta pensar em como Lady Whistledown teria se divertido com isso.

– Ah, sim – afirmou Kate, retribuindo o sorriso. – Agora me dei conta. “O narciso amarelo chamuscado arranca suas pétalas.”

– Vou subir – anunciou Mary, balançando a cabeça ao ouvir as bobagens que as filhas diziam. – Tentem não esquecer que nós temos uma festa para ir

hoje à noite. Talvez vocês queiram descansar um pouco antes de sair. Com certeza dormiremos tarde mais uma vez.

Kate e Edwina assentiram e prometeram descansar enquanto Mary guardava o bordado e deixava o recinto. Nem bem a mãe saiu, Edwina virou-se para Kate e perguntou:

– Você já decidiu que vestido vai usar hoje à noite?

– O verde de renda, acho. Eu deveria vestir branco, sabe, mas temo que não caia bem em mim.

– Se você não usar branco, eu também não vou usar. Vou com meu vestido de musselina azul – falou Edwina com lealdade.

Kate assentiu em sinal de aprovação e voltou os olhos para o jornal, tentando equilibrar Newton, que deitara de costas para que ela coçasse sua barriga.

– Na semana passada, o Sr. Berbrooke disse que você parecia um anjo de vestido azul. Por causa da cor dos seus olhos.

Edwina piscou, surpresa.

– O Sr. Berbrooke disse isso? Para você?

Kate ergueu os olhos.

– Claro. Todos os seus pretendentes tentam transmitir seus elogios através de mim.

– Verdade? Por quê?

Lentamente, Kate abriu um sorriso indulgente.

– Bem, Edwina, isso pode ter alguma coisa a ver com o fato de você ter anunciado a todos os presentes no recital dos Smythe-Smiths que nunca se casaria sem a aprovação de sua irmã.

As bochechas de Edwina ficaram um pouco mais rosadas.

– Não a todos os presentes – murmurou ela.

– Poderia muito bem ter sido. A notícia se alastrou mais rápido que um incêndio. Eu nem estava no recinto nessa hora e só levou dois minutos para que a informação chegasse a meus ouvidos.

Edwina cruzou os braços e soltou um “Humpf”, que a fez soar como a irmã mais velha.

– Bem, é verdade, e não me importo com quem sabe disso. Sei que esperam que eu tenha um casamento grandioso e excepcional, mas não sou obrigada a me casar com alguém que vá me tratar mal. Qualquer um com determinação suficiente para realmente *impressioná-la* estaria à minha altura.

– Então sou tão difícil assim de impressionar?

As duas irmãs se entreolharam, em seguida responderam em uníssono:

– Sim.

Mas, enquanto Kate ria junto com Edwina, teve um incômodo sentimento de culpa. As três Sheffields sabiam que quem agarraria um nobre e sua fortuna seria Edwina. Seria a mais nova quem garantiria que a família não passaria o resto da vida em pobreza refinada. Edwina era bela, ao passo que Kate era...

Kate era Kate.

Ela não se importava. A beleza da irmã era simplesmente um fato da vida. Havia algumas verdades que Kate decidira aceitar fazia muito tempo. Nunca aprenderia a dançar uma valsa sem tentar conduzir o parceiro; sempre teria medo de tempestades de raios, por mais que dissesse a si mesma que estava sendo ridícula; e, não importava o que vestisse, quanto arrumasse o cabelo ou beliscasse as bochechas, nunca seria tão bela quanto Edwina.

Além disso, Kate não tinha muita certeza de que gostaria de toda a atenção que Edwina recebia. Nem, como estava percebendo, lhe agradaria a responsabilidade de ter de arranjar um bom casamento para sustentar a mãe e a irmã.

– Edwina – chamou Kate em voz baixa, e seu olhar se tornou sério –, você não precisa se casar com alguém de quem não goste. Sabe disso.

Edwina assentiu, parecendo de repente que ia chorar.

– Se decidir que não há um único solteiro em Londres bom o bastante para você, que seja. Voltaremos para Somerset e faremos companhia uma à outra. Não há ninguém de quem eu goste mais, de qualquer forma.

– Nem eu – murmurou Edwina.

– E se você encontrar um homem que a faça se apaixonar perdidamente, então Mary e eu ficaremos muito felizes. Você também não deve se preocupar por nos deixar. Aproveitaremos a companhia uma da outra.

– Você também poderia encontrar alguém com quem casar – observou Edwina.

Kate contorceu os lábios num pequeno sorriso.

– Poderia – permitiu-se dizer, sabendo que provavelmente não era verdade. Ela não queria continuar solteira por toda a vida, mas duvidava que fosse encontrar um marido em Londres. – Talvez um de seus admiradores se apaixone por mim ao perceber que você é inacessível – provocou.

Edwina bateu nela com uma almofada.

– Não seja tola.

– Eu não sou! – protestou Kate.

E não era. Para falar a verdade, essa lhe parecia a chance mais provável de conseguir um marido na cidade.

– Você sabe com que tipo de homem sonho em me casar? – indagou Edwina, com olhos subitamente sonhadores.

Kate balançou a cabeça.

– Com um erudito.

– Um erudito?

– Um erudito – respondeu Edwina com firmeza.

Kate pigarreou.

– Não tenho certeza de que você vai encontrar muitos deles na cidade durante a temporada.

– Eu sei. – Edwina deixou escapar um suspiro baixo. – Mas a verdade é que eu gosto bastante de ler e você sabe disso, ainda que eu não deva dizer em público. Prefiro passar o dia na biblioteca a ficar perambulando no Hyde Park. Acredito que deveria desfrutar a vida com um homem que gostasse tanto quanto eu de pesquisas literárias.

– Certo. Hum... – A mente de Kate trabalhava de forma frenética. Também não era provável que Edwina encontrasse um erudito em Somerset. – Sabe, Edwina, pode ser difícil achar um autêntico erudito fora das cidades universitárias. Talvez você tenha que se arranjar com um homem que goste de ler e de aprender tanto quanto você.

– Não haveria problema – falou Edwina alegremente. – Eu ficaria muito satisfeita com um erudito amador.

Kate soltou um suspiro, aliviada. Sem dúvida, elas conseguiriam encontrar alguém, em Londres, que gostasse de ler.

– E sabe de uma coisa? – acrescentou Edwina. – Não podemos julgar as pessoas pelas aparências. Todos são eruditos amadores. A própria Lady Whistledown vive dizendo que, no fundo, até o tal visconde Bridgerton poderia ser um erudito.

– Morda a língua, Edwina. Você não vai ter nada com o visconde Bridgerton. Todos sabem que ele é o pior tipo de libertino. Na verdade, ele é o pior libertino de todos, ponto final. Em toda Londres. No país inteiro!

– Eu sei, estava apenas usando-o como exemplo. Além disso, não é provável que ele escolha uma noiva este ano, de qualquer forma. Lady Whistledown disse isso e você mesma afirmou que ela quase sempre está certa.

Kate deu um tapinha no braço da irmã.

– Não se preocupe. Nós encontraremos um marido adequado para você. Mas *não*, não, não, não, não, não o visconde Bridgerton!



Naquele exato momento, o tema da conversa das duas estava relaxando no White's com dois dos três irmãos mais novos, desfrutando de uma bebida no fim da tarde.

Anthony Bridgerton recostou-se à cadeira de couro, fitou o uísque com uma expressão pensativa enquanto girava o copo e, em seguida, anunciou:

– Estou pensando em me casar.

Benedict Bridgerton, que estava praticando um hábito que a mãe detestava – inclinar a cadeira para trás –, começou a cair. Colin engasgou.

Para sorte de Colin, Benedict reequilibrou-se a tempo de bater com força nas costas do irmão, fazendo uma azeitona verde passar voando por cima da mesa.

Por pouco ela não acertou a orelha de Anthony.

Anthony deixou o susto passar sem dizer uma palavra. Ele sabia muito bem que a declaração fora uma pequena surpresa.

Bem, talvez mais que uma pequena surpresa. “Completa”, “total” e “absoluta” seriam palavras mais adequadas.

Ele tinha consciência de que não combinava com a imagem de um homem que sossegaria. Passara a última década praticando o pior tipo de libertinagem, obtendo prazer onde pudesse. Como ele sabia muito bem, a vida era curta e, sem dúvida, deveria ser aproveitada. Ah, ele tinha um certo código de honra. Nunca se envolvia com mulheres de boa estirpe. Qualquer uma que se sentisse no direito de exigir casamento estava rigorosamente fora de seus limites.

Com quatro irmãs, Anthony tinha em alta conta a boa reputação das mulheres de boa família. Ele quase entrara num duelo em nome de uma de suas irmãs por causa de uma descortesia à sua honra. E, quanto às outras três... admitia que começava a suar frio só de pensar em vê-las envolvidas com um homem com uma reputação como a sua.

Não. Com certeza ele não iria espolar a irmã mais nova de outro cavalheiro.

Mas, quanto ao outro tipo de mulheres, as viúvas e atrizes que sabiam o que queriam e onde estavam se metendo, ele se divertia com a companhia delas e fazia questão de aproveitar cada minuto. Desde o dia em que saíra de Oxford rumo a Londres, não deixara de ter uma amante.

Algumas vezes, pensou com ironia, não deixara de ter nem duas amantes.

Tinha participado de praticamente todas as corridas de cavalos que a sociedade tinha a oferecer, lutara boxe no Gentleman Jackson's e vencera mais jogos de cartas do que podia contar. (Havia perdido alguns, também, mas não os levava em consideração.) Passara a década de seus 20 anos em uma busca cuidadosa do prazer, abrandada apenas por seu decisivo senso de responsabilidade perante a família.

A morte de Edmund Bridgerton fora, ao mesmo tempo, súbita e inesperada. Ele não tivera a chance de fazer um último pedido ao filho mais velho antes de perecer. Mas, se não fosse assim, Anthony estava certo de que haveria pedido que cuidasse da mãe e dos irmãos com a mesma diligência e afeição que Edmund lhes dirigira.

Por isso, entre as festas e as corridas de cavalos, enviara os irmãos a Eton e Oxford, fora a um número entediante de recitais de piano oferecidos pelas irmãs (o que não era tarefa fácil – três delas eram muito desafinadas) e estava sempre atento às finanças da família. Com sete irmãos e irmãs, considerara sua obrigação garantir que houvesse dinheiro suficiente para o futuro deles.

Ao se aproximar dos 30 anos, percebera que passava cada vez mais tempo dedicando-se à herança e à família e cada vez menos em busca de prazer. E gostava disso. Ainda mantinha uma amante, mas nunca mais de uma por vez, e descobrira que não sentia necessidade de entrar em todas as corridas de cavalos ou de ficar até tarde em uma festa apenas para ganhar a última mão de cartas.

Sua reputação, sem dúvida, permanecera com ele. Na verdade, ele não se importava. Havia certos benefícios em ser considerado o libertino mais censurável da Inglaterra. Quase todos o temiam, por exemplo.

Isso era sempre uma coisa boa.

Mas chegara a hora de se casar. Ele devia sossegar, ter um filho. Tinha um título a legar, afinal. Sentia uma pontada de arrependimento – e talvez também um toque de culpa – pois era improvável que vivesse para ver o filho adulto. Mas o que podia fazer? Era o primogênito de um Bridgerton que fora o primogênito de um Bridgerton, que fora o primogênito de um Bridgerton, remontando a oito gerações. Tinha a responsabilidade dinástica de crescer e se multiplicar.

Além disso, obtinha algum conforto em saber que deixaria três irmãos capazes e carinhosos. Eles cuidariam para que seu filho fosse criado com o amor e a honra de que todo Bridgerton desfrutava. Suas irmãs mimariam o garoto, e a mãe poderia estragá-lo...

Anthony chegou a abrir um sorriso discreto ao pensar na família grande e, muitas vezes, rude. O filho não precisaria de um pai para ser amado.

E qualquer criança que ele gerasse, bem, provavelmente não se lembraria dele depois que morresse. Seria jovem, imatura. Não havia escapado à atenção de Anthony que, de todos os filhos dos Bridgertons, ele, o mais velho, fora o mais afetado pela morte do pai.

Anthony tomou outro gole de uísque e endireitou os ombros, afastando tais ruminções da mente. Ele precisava se concentrar no assunto, ou seja, encontrar uma esposa.

Como era bastante organizado e perspicaz, fizera uma lista de exigências para a posição. Primeiro, a mulher deveria ser razoavelmente atraente. Não precisava ser uma beldade – embora isso fosse aceitável –, mas, se ele teria que se deitar com ela, imaginava que sentir certa atração sem dúvida tornaria a tarefa mais agradável.

Em segundo lugar, não podia ser burra. Essa, refletiu Anthony, talvez fosse a mais difícil das exigências. Não estava muito impressionado com as proezas mentais das debutantes de Londres. Na última vez em que cometera o erro de iniciar uma conversa com uma jovem recém-saída da escola, ela fora incapaz de falar de outra coisa além da comida (segurava um prato com morangos) e do tempo (nem mesmo entendera *isso* direito – quando Anthony perguntara se a mocinha acreditava que o tempo ia se tornar inclemente, ela respondera: “Não faço a menor ideia. Nunca estive em Clemente.”).

Ele conseguiria evitar conversar com uma esposa que não fosse muito inteligente, mas *não* queria filhos estúpidos.

Em terceiro lugar, e isso era o mais importante, ela não podia ser alguém por quem ele se apaixonasse de verdade.

Em nenhuma circunstância essa regra deveria ser infringida.

Anthony não era um cínico completo: sabia que o amor verdadeiro existia. Qualquer pessoa que tivesse ficado no mesmo cômodo com seus pais sabia disso.

Mas amor era uma complicação que ele preferia evitar. Não tinha desejo algum de presenciar esse milagre em particular na própria vida.

E, como Anthony se acostumara a conseguir o que queria, não tinha dúvida de que encontraria uma mulher atraente e inteligente por quem nunca se apaixonaria. E qual era o problema nisso? Era provável que ele não encontrasse o amor de sua vida mesmo se estivesse procurando por ele. A maioria dos homens não encontrava.

– Por Deus, Anthony, o que o fez franzir a testa assim? Decerto não foi aquela azeitona. Eu a vi com bastante clareza, e ela nem sequer tocou em você.

A voz de Benedict tirou-o de seus devaneios e Anthony piscou algumas vezes antes de responder:

– Nada. Absolutamente nada.

Claro que ele não compartilhara seus pensamentos sobre a própria mortalidade com mais ninguém, nem com os irmãos. Não era o tipo de coisa que

se quer anunciar. Ora, se alguém se aproximasse dele e lhe dissesse a mesma coisa, era quase certo que ele dispensaria a pessoa, rindo.

No entanto, ninguém mais sabia a profundidade da ligação que tinha com o pai. E ninguém poderia compreender o modo como Anthony a sentia no fundo de seu coração, como simplesmente sabia que não poderia viver mais que ele. Edmund fora tudo para ele. Sempre aspirara a ser um homem tão grande quanto o pai, sabendo que isso era improvável, embora continuasse tentando. Alcançar mais do que Edmund alcançara – de qualquer forma – era simplesmente impossível.

O pai de Anthony era, em poucas palavras, o maior homem que ele conhecera. Achar que poderia ser melhor que isso parecia muita pretensão.

Algo lhe acontecera na noite da morte de Edmund, quando permanecera no quarto dos pais com o corpo, apenas sentado lá horas a fio, observando-o e tentando com toda a força recordar cada momento que eles haviam passado juntos. Seria tão fácil esquecer as pequenas coisas – como Edmund apertava seu braço sempre que ele precisava ser encorajado, por exemplo. Ou como ele sabia recitar inteira, de cor, “Sigh No More”, de Balthazar, música da peça *Muito barulho por nada*, de Shakespeare, não porque a considerasse particularmente significativa, mas apenas porque gostava dela.

Quando Anthony enfim saía do quarto, os primeiros raios da aurora conferiam uma coloração cor-de-rosa ao céu e ele, por alguma razão, sabia que seus dias estavam contados do mesmo modo que os de Edmund estiveram.

– Diga logo – falou Benedict, interrompendo suas divagações mais uma vez. – Não vou lhe oferecer um centavo por seus pensamentos, pois sei que eles não valem tanto, mas em que você está pensando?

De repente, Anthony sentou-se muito ereto, determinado a se concentrar de novo na questão que o incomodava. Afinal, ele tinha que escolher uma noiva, e isso decerto era uma questão séria.

– Quem é considerada o diamante da temporada? – indagou.

Os irmãos fizeram uma pausa para pensar e então Colin respondeu:

– Edwina Sheffield. Com certeza você já a viu. Bem pequena, com cabelos louros e olhos azuis. Em geral, você pode avistá-la perto do rebanho de admiradores que a segue por aí.

Anthony ignorou a tentativa do irmão para o humor sarcástico.

– Ela tem um cérebro?

Colin piscou, como se a pergunta sobre uma mulher com cérebro nunca tivesse lhe ocorrido.

– Sim, acho que sim. Uma vez eu a ouvi conversando sobre mitologia com Middlethorpe, e pareceu que ela sabia do que estava falando.

– Ótimo – retrucou Anthony, apoiando o copo de uísque na mesa com um baque surdo. – Então vou me casar com ela.

CAPÍTULO 2

Na quarta-feira à noite, no baile dos Heartsides, o visconde Bridgerton foi visto dançando com mais de uma jovem donzela. Esse comportamento só pode ser chamado de “surpreendente”, já que Bridgerton costuma evitar senhoritas solteiras com uma perseverança que poderia ser impressionante, não fosse tão frustrante para todas as mães casamenteiras.

Será que o visconde leu a coluna mais recente desta autora e, da maneira perversa que os machos de todas as espécies parecem confirmar, decidiu provar que ela está enganada?

Pode ser que a autora esteja atribuindo a si mesma muito mais importância do que tem de fato, mas decerto os homens já tomaram decisões baseadas em muito, muito menos.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
22 DE ABRIL DE 1814

As onze horas daquela noite, todos os temores de Kate se concretizaram.

Anthony Bridgerton convidara Edwina para dançar.

Pior ainda: Edwina aceitara.

Pior ainda: Mary fitava o casal como se quisesse reservar uma igreja naquele instante.

– A senhora quer parar com isso? – sussurrou Kate, cutucando as costelas da madrasta.

– Parar com o quê?

– De olhar assim para eles!

Mary piscou.

– Assim como?

– Como se estivesse planejando o café da manhã do dia do casamento.

– Ah.

As bochechas da madrastra ficaram rosadas. Um rosado cheio de culpa.

– Mary! – censurou Kate.

– Bem, talvez eu estivesse – admitiu ela. – E o que tem de errado nisso, posso saber? Ele seria um partido e tanto para Edwina.

– A senhora ouviu o que eu disse hoje à tarde na sala? Já é bastante ruim que Edwina tenha libertinos e aventureiros farejando ao redor dela. A senhora não imagina quanto tempo levei separando os admiradores bons dos maus. Mas Bridgerton! – Kate estremeceu. – Provavelmente é o maior libertino de Londres. A senhora não pode querer casá-la com um homem como ele.

– Não se atreva a me dizer o que posso ou não fazer, Katharine Grace Sheffield – falou Mary com rispidez, empertigando-se até estar muito ereta e, ainda assim, ficando mais baixa que Kate. – Ainda sou sua mãe. Ou melhor, sua madrastra. Mas isso deve significar alguma coisa.

Kate sentiu-se como um verme. Mary era tudo o que ela conhecia como mãe e nunca, nem sequer uma vez, fizera Kate sentir-se menos sua filha que Edwina. Colocara-a na cama todas as noites, contara-lhe histórias, beijara-a, abraçara-a e ajudara-a a superar os difíceis anos entre a infância e a vida adulta. Só não pedira que Kate a chamasse de mãe.

– Significa – falou Kate baixinho, olhando envergonhada para os pés. – Significa muito. E a senhora é minha mãe. De todas as maneiras que importam.

Mary fitou-a por um longo tempo, então começou a piscar freneticamente.

– Ah, querida – falou com dificuldade, enfiando a mão na bolsinha para procurar um lenço. – Agora você se superou e transformou meus olhos num chafariz.

– Perdoe-me – murmurou Kate. – Ah, isso, vire-se para que ninguém a veja. Isso.

Mary retirou um pequeno quadrado de linho branco da bolsa e enxugou os olhos, azuis como os de Edwina.

– Eu amo você, Kate. Você sabe disso, não é?

– Claro que sei! – exclamou a jovem, chocada com a pergunta de Mary. – E a senhora sabe... a senhora sabe que eu...

– Eu sei. – Mary lhe deu um tapinha no braço. – Claro que sei. A questão é que, quando se aceita ser a mãe de uma criança que não deu à luz, a responsabilidade é duas vezes maior. Você deve trabalhar ainda mais duro para garantir a felicidade e o bem-estar dela.

– Ah, Mary, eu a amo. E amo Edwina.

Quando Kate disse o nome da irmã, ela e a madrastra se viraram e fitaram a mais jovem das três no outro lado do salão de baile, em uma linda dança com o visconde. Como sempre, Edwina era uma visão graciosa e delicada. Os cabelos louros estavam presos no topo da cabeça, com alguns cachos soltos emoldurando o rosto, e ela era o símbolo da elegância ao se mover pelo salão.

O visconde, Kate notou com irritação, era um homem muito bonito. Vestindo preto e branco, ele evitava as cores espalhafatosas que haviam se tornado populares entre os membros mais afetados da alta sociedade. Era alto, tinha uma postura ativa e orgulhosa e cabelos cacheados e castanhos que lhe caíam sobre as sobrancelhas.

Era, ao menos na aparência, tudo o que um homem deve ser.

– Eles formam um belo casal, não é? – murmurou Mary.

Kate mordeu a língua. Literalmente.

– Ele é um pouco alto para ela, mas isso não deve ser um obstáculo insuperável, não é?

Kate entrelaçou as mãos com tanta força que as unhas feriram sua pele através das luvas de couro.

Mary sorriu. Um sorriso muito malicioso, pensou Kate, lançando à madrastra um olhar desconfiado.

– Ele dança bem, você não acha? – indagou a mais velha.

– Ele não vai se casar com Edwina! – explodiu Kate.

O sorriso de Mary evoluiu para uma risada.

– Estava me perguntando por quanto tempo você conseguiria manter o silêncio.

– Muito mais do que eu gostaria – retrucou Kate.

– Sim, isso estava claro.

– A senhora sabe que ele não é o tipo de homem que nós queremos para Edwina.

Mary inclinou levemente a cabeça para o lado e ergueu as sobrancelhas.

– Acho que a questão principal é se ele é o tipo de homem que *Edwina* quer para si.

– Ele não é! – respondeu Kate com irritação. – Justamente hoje ela me disse que queria se casar com um erudito. Um erudito! – Ela fez um sinal com a cabeça na direção do cretino de cabelos escuros que dançava com a irmã. – A senhora acha que ele parece um erudito?

– Não. No entanto, você também não parece uma competente aquarelista, mas eu sei que é.

Mary deu uma risadinha, o que sempre provocava Kate, e aguardou o que ela tinha a dizer.

– Reconheço – falou Kate por entre os dentes – que ninguém deve julgar uma pessoa apenas pela aparência, mas a senhora deve concordar que, de tudo o que ouvimos a respeito dele, o visconde Bridgerton não parece o tipo de homem que passa as tardes debruçado sobre livros antigos em uma biblioteca.

– Talvez não – refletiu Mary –, mas eu tive uma adorável conversa com a mãe dele no início da noite.

– Com a mãe dele? – Kate fez um esforço para continuar a conversa. – O que isso tem a ver?

Mary deu de ombros.

– Acho difícil acreditar que uma senhora tão graciosa e inteligente possa ter criado um filho que não seja o mais educado dos cavalheiros, apesar de sua reputação.

– Mas...

– Quando você tiver um filho – interrompeu Mary com arrogância –, vai entender o que quero dizer.

– Mas...

– Eu já disse – insistiu Mary de um modo que deixava claro que a interrompera de propósito – que você fica adorável nesse vestido de renda verde? Ainda bem que o escolhemos.

Kate olhou com uma expressão vazia para o vestido, perguntando-se por que diabo Mary mudara de assunto tão rápido.

– Essa cor fica muito bem em você. Lady Whistledown não vai chamá-la de folha de grama chamuscada na coluna de sexta-feira!

Kate fitou, desanimada, a madrasta. Talvez ela estivesse ficando com muito calor. O salão de baile estava lotado e o ar tornava-se cada vez mais denso.

Em seguida, sentiu o dedo de Mary cutucando-a e soube que havia algo mais acontecendo.

– Sr. Bridgerton! – exclamou a mais velha de repente, com uma voz tão alegre quanto a de uma garotinha.

Horrorizada, Kate olhou para trás e viu um homem absurdamente bonito aproximar-se delas. Um homem absurdamente bonito que era absurdamente parecido com o visconde, que, no momento, dançava com sua irmã.

Ela engoliu em seco. Era isso ou ficar boquiaberta.

– Sr. Bridgerton! – falou Mary mais uma vez. – Que bom ver o senhor! Essa é minha filha, Katharine.

Ele pegou a mão frouxa calçada com luva e beijou-lhe com delicadeza os nós dos dedos. Com tanta delicadeza, na verdade, que Kate chegou a suspeitar que ele não beijara de fato.

– Srta. Sheffield – murmurou ele.

– Kate – continuou Mary –, esse é o Sr. Colin Bridgerton. Eu o conheci agora há pouco, quando conversava com a mãe dele. – Ela virou-se para Colin e sorriu. – Uma senhora adorável.

Ele retribuiu o sorriso.

– Nós também achamos.

Mary deu uma risadinha abafada. Abafada! Kate achou que ela fosse ter falta de ar.

– Kate – chamou Mary mais uma vez –, o Sr. Bridgerton é irmão do visconde. Que está dançando com Edwina – acrescentou, sem necessidade.

– Eu sei – disse Kate.

Colin Bridgerton lançou-lhe um olhar de esguelha e ela percebeu no mesmo instante que não lhe passara despercebido o leve sarcasmo em sua voz.

– É um prazer conhecê-la, Srta. Sheffield – falou com educação. – Espero que a senhorita me conceda uma de suas danças hoje.

– Eu... Claro. – Ela pigarreou. – Seria uma honra.

– Kate – disse Mary, cutucando-a de leve –, mostre-lhe seu cartão de dança.

– Ah! Sim, claro.

Kate se remexeu, procurando o cartão de dança que estava muito bem amarrado em seu pulso com uma fita vermelha. Que ela precisasse se remexer para procurar algo que, na verdade, fora amarrado ao corpo era um pouco alarmante, mas Kate decidiu culpar sua falta de compostura pelo aparecimento súbito e inesperado de um irmão até então desconhecido dos Bridgertons.

Isso e a circunstância infeliz de que, mesmo na melhor das condições, ela nunca era a garota mais graciosa no salão.

Colin escreveu seu nome para uma das danças no fim da noite, em seguida perguntou se ela gostaria de caminhar com ele até a mesa da limonada.

– Vá, vá – falou Mary, antes que a enteada pudesse responder. – Não se preocupe comigo. Ficarei muito bem sem você.

– Vou lhe trazer um copo de limonada – ofereceu Kate, tentando imaginar se seria possível olhar de cara feia para a madrasta sem que o Sr. Bridgerton percebesse.

– Não é necessário. Eu deveria, na verdade, voltar ao meu lugar, com todos os acompanhantes e mães. – Mary olhou de um lado para outro de maneira

frenética até avistar um rosto familiar. – Ah, veja, lá está a Sra. Featherington. É melhor eu ir andando. Portia! Portia!

Kate viu o vulto da madrastra bater em retirada antes de se virar para o Sr. Bridgerton.

– Acho – falou secamente – que ela não quer limonada.

Um lampejo de humor brilhou nos olhos verde-esmeralda dele.

– Ou não quer ou está planejando percorrer todo o caminho até a Espanha para colher os limões com as próprias mãos.

A contragosto, Kate riu. Ela não queria gostar do Sr. Colin Bridgerton. Nem de nenhum homem da família dele, depois de tudo o que havia lido no jornal sobre o visconde. Mas reconhecia que não era justo julgar um homem pelas más ações do irmão, então fez um esforço para relaxar um pouco.

– E o senhor está com sede ou estava apenas sendo educado? – indagou.

– Sou sempre educado – respondeu ele com um sorriso malicioso –, mas também estou com sede.

Kate fitou aquele sorriso – a forma mortal como se combinava aos olhos de um verde devastador – e quase gemeu.

– Você também é um libertino – falou com um suspiro.

Colin engasgou. Ela não soube o porquê, mas, de todo modo, ele engasgou.

– Como disse?

Kate ficou ruborizada ao perceber, com horror, que falara em voz alta.

– Ah, por favor, desculpe-me. Isso foi imperdoavelmente rude.

– Não, não – respondeu ele depressa, parecendo muito interessado. – Continue, por favor.

Kate engoliu em seco. Não havia meio de escapar.

– Eu estava só... – Ela pigarreou. – Se me permite ser franca...

Ele assentiu e o sorriso malicioso lhe dizia que não podia imaginá-la sendo outra coisa *além* de franca.

Kate pigarreou mais uma vez. Aquilo estava ficando ridículo. Ela parecia ter engolido uma rã.

– Ocorreu-me que você poderia ser parecido com seu irmão, só isso.

– Meu irmão?

– O visconde – respondeu ela, acreditando que devia ser óbvio.

– Tenho três irmãos – explicou ele.

– Ah. – Agora ela se sentia tola. – Desculpe-me.

– Também peço desculpas – falou ele com grande emoção. – Na maior parte do tempo, eles são um terrível incômodo.

Kate teve que tossir para disfarçar a surpresa.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br